

Aldeias Comunais

A nação em ponto pequeno

Pela forma como estão organizadas, as aldeias comunais são um reflexo do que é a nossa sociedade. Uma sociedade em desenvolvimento. Ao nível da nação, estamos habituados a ouvir falar e acompanhar grandes projectos. As aldeias comunais também têm grandes projectos, de proporções, evidentemente, mais reduzidas, mas que estão de acordo com as capacidades locais.

● Texto de Filipe Ribas

● Fotos de Naita Ussene

Este esforço abnegado será, um dia, compensado com a mecanização

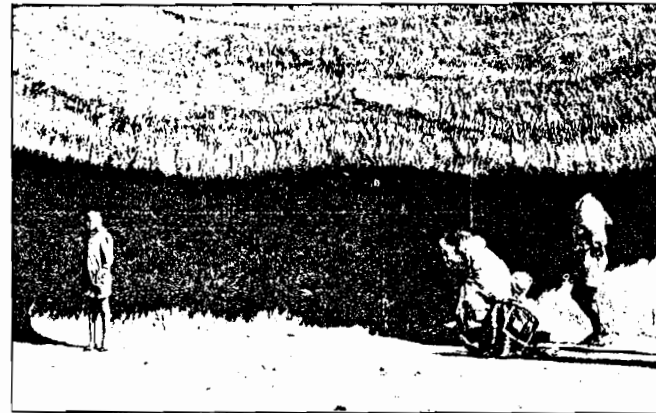


O sentimento de planificação socialista está patente em todas as actividades da aldeia comunal. É verdade que lá não há planos quinquenais ou decenais, mas há todo um esforço de crescer de uma forma coordenada.

É na própria machamba que se vê a luta pelo desenvolvimento. Com efeito, os aldeões tencionam, através do aumento da produção, chegar à fase da mecanização. Não se trata de uma obsessão. Antes pelo contrário, e querem ser eles próprios a produzir o que lhes dê para comprar máquinas e não sonham com crédito agrário.

Tal como o país fala da exportação, como via para poder importar as coisas que não podemos produzir, a aldeia comunal consagra muita atenção à produção excedentária. É nesta produção que se concentram as esperanças de um futuro mais próspero.

Os aldeões esforçam-se por tirar o maior rendimento possível das suas capacidades, na perspectiva de preencher a lacuna de que só é capaz a produção excedentária. Assim, os aldeões não deixam de produzir certo tipo de hortícolas que



Este é um posto de Saúde, com um mínimo de condições, mas os aldeões querem construir um hospital capaz de internar doentes

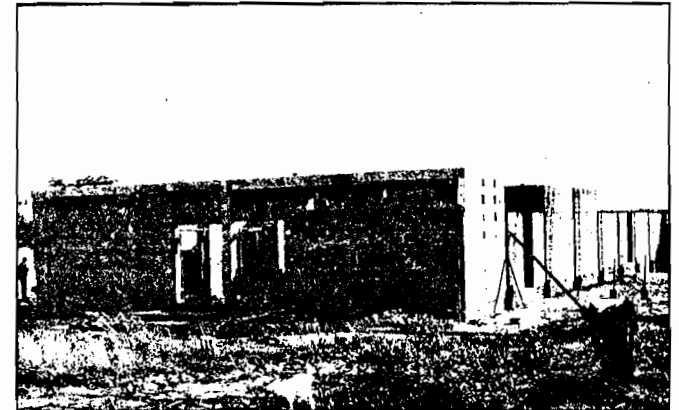
não façam parte dos seus hábitos alimentares. Desde logo, souberam destinar determinada produção apenas ao mercado.

Esta ideia de crescer acompanha todos os outros sectores de actividade social em qualquer aldeia. Pelo menos foi ponto comum em quatro aldeias comunais de Maputo e Gaza que visitámos. Todos querem construir uma escola maior e melhor, um hospital mais bem apetrechado, um centro cultural melhor, sede do Partido e do Conselho Executivo e muitas outras infra-estruturas.

Por exemplo, na Aldeia Comunal de Maguigane, em Magde, estão a construir um hospital num projecto considerado prioritário. A seguir, têm em mente a construção, bem no centro da aldeia, de uma nova escola para os seus filhos. Mais tarde, construirão uma nova sede da cooperativa de consumo.

Estes projectos estão inteiramente ao alcance dos aldeões, porque são eles próprios que produzem o tijolo e fazem blocos. Podem vender as duas coisas — quando excedentárias — e comprar cimento para a construção. É, exactamente, isso que eles fazem.

Sem pressas e ao ritmo das suas capacidades, os aldeões podem melhorar radicalmente a sua vida. Mas para que o desenvolvimento esteja tão bem planificado e bem definidas as prioridades é porque a discussão é constante no seio dos aldeões.



Casa de Cultura constitui um importante ponto de convergência de todos os aldeões ao fim de cada dia

As próprias relações entre as pessoas numa aldeia comunal, podem espantar o homem da cidade, capaz de passar um mês sem ver o vizinho e não se inquietar com o facto. Na aldeia comunal todos sabem quem está doente e de que sofre. Sabem-no nas primeiras horas da manhã. Um hóspede de uma casa acabará por ser cumprimentado por todos os aldeões. Não há lugar a cinismos.

Este tipo de relacionamento entre os aldeões, só por si, impõe um espírito de organização que só vem a facilitar a actividade das

estruturas organizativas da sociedade. Assim, os tribunais populares das aldeias comunais não têm tido muitos casos a resolver e quando os têm, são de fácil solução. Porque todos conhecem a todos.

Os problemas do Conselho Executivo também se encontram simplificados. Aliás, o Conselho Executivo começa a ter como tarefa principal a admissão de novos membros e o controlo de algumas questões administrativas que se fazem óbvias em qualquer comunidade.

Quanto às estruturas do Partido, a sua tarefa fundamental é velar pela formação política dos aldeões e tratar de informá-los e esclarecer sobre quaisquer novas orientações do Partido. Tudo quanto se

possa chamar problema numa aldeia comunal está claramente definido. Não há problemas subtis.

Quando há um reaccionário, agitador ou outro tipo de perturbador numa aldeia comunal, facilmente é identificado. De resto, é só exercer vigilância sobre o comportamento desse elemento. Na província de Gaza, várias aldeias comunais foram assaltadas pelos bandos armados, que haviam sido guiados por aldeões reaccionários. Foram imediatamente denunciados.

Tratava-se de aldeões ambiciosos

políticos, que esperavam deter postos de mando nas aldeias comunais.

Em todo o caso, são descobertos e neutralizados, exactamente porque a organização que reina na aldeia comunal permite detectar a mais pequena anomalia no comportamento de um indivíduo. Na base, as infiltrações, tal como as conhecemos, são a coisa menos possível de se imaginar, graças ao controlo intrínseco à vida colectiva organizada.

O papel das milícias populares e dos Grupos de Vigilância é, exactamente, garantir a segurança dos aldeões. Com efeito, não há na memória de aldeia comunal, alguma em que as milícias locais não tenham enfrentado prontamente as tentativas inimigas de infiltração.

PEQUENOS

NADAS A COMBATER

Tal como acima ficou mencionado, os problemas das aldeias comunais têm sido simples de identificar e as soluções a adoptar são colectivas. No entanto, existem uns tantos que, pela sua natureza, passam despercebidos aos aldeões ou ultrapassam o seu campo de acção.

Para casos em que os aldeões se não apercebam do problema, citaremos um exemplo que vimos na Aldeia Comunal «Eduardo Mondlane». Esta aldeia tem apenas trinta cooperativistas agrícolas e tem certas dificuldades em introduzir técnicas capazes de tornar eficiente o seu trabalho na machamba.

Esta situação, de per si, não poderia constituir problema, não fora o facto de que os aldeões lançaram-se num projecto mais ambicioso do que podem as suas capacidades. Trata-se da construção de um restaurante e hotel, trabalho que se realiza em detrimento da Casa de Cultura e da aquisição de alfaia agrícolas.

Em primeiro lugar, a aldeia comunal não tem um movimento que justifique a construção de um hotel e restaurante. Em segundo lu-

gar, um hotel de seis quartos não pode garantir lucros por aí além. Ademais, a Vila de Marracuene fica a menos de dez quilómetros da aldeia comunal e torna-se inimaginável ver hóspedes deixarem a vila para ficarem a nove quilómetros dela. Por mais bons serviços que preste.

Em terceiro lugar, a existência de um bar e restaurante naquela aldeia comunal só virá a alterar os hábitos regrados dos aldeões, puxando-os a serem noctívagos ou a perderem tardes lá. Este aspecto tem o inconveniente de marginalizar as bebidas tradicionais, que, no fundo, não são muito dispendiosas para as populações.

Há, também, a salientar que a contratação de pessoal que deverá trabalhar a tempo inteiro no referido hotel implica despesas em risco de superar os lucros do estabelecimento. Por tudo isto, já se vê

que a construção do hotel não passa de um erro na maneira de perspectivar o desenvolvimento. Muito mais se tomarmos em conta os outros problemas que estão a ser esquecidos e que são prioritários.

Durante a conversa que tivemos com as estruturas da aldeia comunal, ficámos com a nítida sensação de estarmos a falar com grandes homens de negócios. Homens influenciados pelo ambiente de uma cidade que cresce diariamente. O projecto não espantaria se estivesse num bairro comunal de qualquer das nossas cidades. Mas ali, na aldeia comunal, é um caso estranho.

Exemplo de um problema que ultrapassa o campo de acção dos aldeões é o que constituem os curandeiros. Em todas as aldeias comunais que visitámos há curandeiros. As estruturas políticas conhecem o problema e, num tom de

conformação, nada podem fazer para evitar choques.

É evidente que os curandeiros completam o quadro dos usos e costumes das populações, mas é também verdade que o seu obscurantismo representa um certo risco para o bom relacionamento entre as pessoas. É frequente um curan-

deiro exigir que um aldeão volte a sua casa para fazer alguma missa porque os antepassados assim o exigem.

Por outro lado, há o perigo de dividir as pessoas sob acusação de que são feiticeiras e vítimas. As estruturas políticas das aldeias comunais precisam de um grande

Holmes» ou detectives particulares. Tudo se descobre com a maior das facilidades, porque se conhecem os movimentos de toda a gente.

Um dos habitantes da Aldeia Comunal «3 de Fevereiro» trabalhador das minas da África do Sul, teve o azar de voltar e encontrar a mulher em estado avançado de gravidez. Esta da autoria de um aldeão da Aldeia Comunal «Karl Marx».

Feitas as diligências e apurada a verdade, foi declarada a separação entre os dois cônjuges, deixando ela os filhos e algumas roupas em casa do marido ofendido. Uma semana antes do homem retomar caminho para as minas, conseguiu celebrar segundas núpcias e deixar uma esposa em casa.

Na mesma semana em que o homem regressou às minas, a antiga mulher decidiu contratar dois indivíduos que deveriam recolher as roupas na sua antiga residência e dar uma «lição» à actual mulher. Um dos contratados era, nada mais nada menos, o amante que dividiu o lar em causa. Ambos eram milícias populares.

Os dois milícias, munidos das suas armas, dirigiram-se à Aldeia Comunal «3 de Fevereiro», a fim de cumprirem a missão que lhes fora incumbida. A vingança. Chegaram à casa da senhora à meia-noite e meia hora e amordaçaram-na, espancaram-na e, finalmente, foram atirá-la viva dentro da latrina da sua própria residência.

Consumado o crime, os dois capangas retomaram à sua aldeia comunal e continuaram com a sua vida normal até à descoberta do cadáver da malograda senhora. Para descobrir a morte, bastou que os aldeões não vissem a senhora durante mais de vinte e quatro horas. Para descobrir os criminosos, bastou o simples facto de que a instigadora não contava com a perpetração do crime, mas com uma pequena lição. □



Como as duas fotos documentam, as habitações dos aldeões são boas. No entanto, logo que resolvidos os problemas mais prioritários, não deixarão de projectar casas melhoradas



apoio para ultrapassar este problema, que pode representar um entrave ao desenvolvimento das aldeias comunais.

Convém, identificar o seu lado bom e o lado mau, para não cair em extremos.

CASO INSÓLITO

Para remate final desta pequena reflexão sobre as aldeias comunais, segue-se um pequeno episódio, do qual se podem tirar várias lições. A primeira é que há coisas ou atitudes que são transplantadas inteiras da vida cá de fora para a aldeia comunal. Coisas negativas. A segunda lição é que a identificação de um criminoso numa aldeia comunal não precisa de um «Sherlok